

CONSELHOS DO CONDE D'EU AO "PRÍNCIPE PERFEITO"

Armando Alexandre dos SANTOS*

No presente ano completam-se 75 anos do falecimento, ocorrido a 28 de agosto de 1922, do Príncipe Gastão de Orleans, Conde d'Eu¹.

A imagem que a propaganda republicana² fixou do Conde d'Eu é bem conhecida: príncipe orgulhoso, sovina, antipático, carregando os erres de modo pouco eufônico para ouvidos nacionais, incapaz de compreender e menos ainda de estimar o Brasil e os brasileiros; feito marechal de nosso Exército exclusivamente por força do casamento com a herdeira do Trono, seu papel como comandante supremo na fase final da Guerra do Paraguai teria sido quase de opereta, limitando-se a colher sem esforço nem mérito os frutos do que Caxias arduamente semeara.

Na realidade, o Conde d'Eu ainda está merecer reparação condigna, sobretudo nesta época em que a história dos últimos séculos, na França, nos Estados Unidos e em outros grandes centros da cultura universal, é reescrita

(*) Historiador e jornalista, sócio-titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo E-mail: aasantos@dialdata.com.br

- (1) O Conde d'Eu, nascido em 28-4-1842 e falecido em 28-8-1922, era o filho primogênito do Príncipe Luís de Orleans, Duque de Nemours (1814-1896), segundo filho de Luís Filipe, rei dos Franceses de 1830 a 1848. Casou em 15 de outubro de 1864 com D. Isabel de Bragança, Princesa Imperial (herdeira do trono) do Brasil. Desse casamento nasceram D. Pedro de Alcântara (1875-1940), D. Luiz, o Príncipe Perfeito (1878-1920) e D. Antonio (1881-1919).
- (2) Sobre a propaganda republicana e a deturpação de fatos e de figuras históricas relacionados com o período monárquico de nossa história, cfr. José Murillo de Carvalho, A formação das almas - O imaginário da República no Brasil (Companhia das Letras, São Paulo, 1990); cfr. também nossos A Legitimidade Monárquica no Brasil (Artpress, São Paulo, 1988), Ser ou não ser Monarquista: eis a questão! (Artpress, 1990) e Parlamentarismo, sim, mas à brasileira: com Monarca e com Poder Moderador eficaz e paternal (Artpress, 1992).

com seriedade, e em sentido por vezes diametralmente oposto ao que a historiografia oficial consagrara nos últimos 200 anos³.

O Conde d'Eu já foi objeto de pelo menos duas biografias que, de certa forma, iniciaram essa indispensável reparação, ambas nos anos 30. A primeira foi escrita por Luiz da Câmara Cascudo⁴; a segunda, pouco posterior, por Alberto Rangel⁵. Este último, tendo tido acesso à amplíssima documentação então depositada no Castelo d'Eu, produziu obra extensa e bem documentada, mas, a nosso ver, insuficiente para a cabal retificação da imagem caricaturizada e injusta fixada pela propaganda oficial.

Publicações esparsas, de cá e de acolá, do volumoso epistolário da Conde d'Eu - ele era incansável escrevedor de longas cartas - permitem ver, entretanto, um homem de todo em todo diverso do que se pensa dele: carinhoso, afetivo, bondoso, religioso, profundamente amigo do Brasil e dos brasileiros, interessando-se empenhadamente pela saúde dos correspondentes, dos amigos e até dos criados das famílias com quem tinha relações.

Algo desse epistolário foi divulgado - que saibamos, em primeira mão - pelo bisneto do Conde, Príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança, numa

- (3) Por ocasião do bicentenário da Revolução Francesa foram publicados, somente na França, mais de 200 títulos alusivos à grande Revolução. Contrariamente ao que seria de esperar, a grande maioria deles foi de revisão histórica dos elogios quase unânimes de que a Revolução Francesa até há poucos anos era objeto. A personalidade da Rainha Maria Antonieta, tão vilipendiada pela constante propaganda oficial, emerge agora como sendo a de uma das rainhas mais populares da História da França.

Também a Idade Média, durante séculos apresentada como era de trevas, de obscurantismo e de selvageria, passa a despertar grande interesse, a ponto de Régine Pernoud, a grande medievalista e autora de *La lumière du Moyen Âge, La beauté du Moyen Âge, Pour en finir avec le Moyen Âge*, ter escrito que tudo o que diz respeito à Idade Média "toca as mais íntimas fibras" da alma dos franceses de hoje em dia (cfr. *La Tour de la France Médiéval*, em colaboração com Georges Pernoud, Éditions Stock, Paris, 1982, p. 8).

O fenômeno da Néo-Genealogia - assim designamos o renascer, ou melhor, o extraordinário reviver do interesse pelos estudos genealógicos nos últimos anos - não é estranho a esse colossal movimento de reexame do passado.

- (4) Luís da Câmara Cascudo, *O Conde d'Eu*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1933.
- (5) Alberto Rangel, *Gastão de Orleans*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1935. Alguns traços esparsos, se bem que sumamente pitorescos, da vida íntima do Conde d'Eu, foram revelados por sua neta, a Condessa de Paris, nos dois livros autobiográficos que escreveu - *Tout m'est bonheur* (Éditions Robert Laffont, Paris, 1978) e *Les chemins creux* (Robert Laffont, Paris, 1981) -, ambos publicados no Brasil em um só volume, intitulado *De todo coração* (tradução de Vera Mourão, Livraria Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro, 1983).

conferência que proferiu em Campos-RJ, em 12-9-1990⁶. O Príncipe sustentou a tese - e ilustrou-a com documentação muito concludente - de que seu bisavô, sem deixar de ser o que era, ou seja, um autêntico francês, foi pouco a pouco se deixando influenciar pelo Brasil, a ponto de se ter tornado um também autêntico brasileiro, típico de seu tempo e de sua geração. As muitas dezenas de cartas que ele mandou à Baronesa de Loreto⁷, escritas num português corrente e corretíssimo, exprimem mais do que suficientemente esse lado de alma autenticamente brasileiro assimilado pelo Conde.

Entretanto, muito ainda resta a publicar sobre o Marechal Conde d'Eu. E, quer-nos parecer, qualquer novo empreendimento biográfico do Príncipe faria bem em procurar salientar não tanto o homem público, o conselheiro de Estado, o chefe militar, vencedor de Peribebuí e Campo Grande, mas sim o homem privado, na sua intimidade, na sua simplicidade. Essa a dimensão que, a nosso ver, precisaria ser explorada pela historiografia, para que a figura do Conde d'Eu seja devidamente corrigida na ótica dos brasileiros que ele tanto amou.

Nosso objetivo é hoje divulgar em primeira mão, com a devida licença do Chefe da Casa Imperial, um documento inédito constante de seus Arquivos⁸. Trata-se dos conselhos escritos pelo Conde d'Eu a seu segundo filho, D. Luiz de Orleans e Bragança (1878-1920), o "Príncipe Perfeito" - outro personagem que está a merecer uma biografia cabal⁹.

Esses conselhos foram escritos em Viena, em 2-10-1895, na ocasião em que o jovem príncipe, tendo já 17 anos completos, iria ingressar na Academia Militar vienense, com autorização especial do Imperador Francisco José. O pai, que o acompanhara até a capital do Império austríaco, quis deixar consignadas

-
- (6) Conferência ainda inédita, intitulada O Conde d'Eu - o Brasil conquista um marechal que por ele expôs sua vida, pronunciada a 12-9-1990 no auditório da Santa Casa de Misericórdia de Campos-RJ. O autor deste artigo possui, e coloca à disposição dos estudiosos que o desejarem, o texto integral dessa conferência.
- (7) A interessantíssima correspondência do Conde d'Eu com D^{sa} Amanda Paranaguá Moniz, Baronesa de Loreto, constituída por mais de 70 cartas manuscritas, muitas das quais extensas, abrangendo o período de junho de 1912 a novembro de 1921, encontra-se arquivada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Que nos conste ainda não foi ela publicada, pelo menos na sua totalidade.
- (8) O documento original encontra-se nos Arquivos da Casa Imperial do Brasil, e é com licença do Príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança, Chefe dessa Casa, que o reproduzimos aqui. A tradução do original francês é de nossa responsabilidade.
- (9) A necessidade de uma biografia exaustiva do "Príncipe Perfeito" já foi notada por Gilberto Freyre em *Ordem e Progresso* (3^a ed., José Olympio/Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1974, vol. I, p. 79). Consta-nos que o Prof. Alexandre Miranda Delgado, do Rio de Janeiro, está preparando essa biografia.

por escrito as normas pelas quais o filho, pela primeira vez afastado da família, deveria, a partir dali, pautar sua vida.

O documento, escrito com tinta preta em três folhas de papel, cada folha dobrada de modo a constituir quatro faces, foi colocado pelo Conde d'Eu num envelope, em cujo exterior escreveu a lápis:

"À mon cher fils Louis, G. O. 2-10-95".

Segue a íntegra do documento¹⁰:

"Meu querido filho,

"Chegado o momento em que te era preciso encontrar, infelizmente longe de nós, uma ocupação na carreira militar¹¹, escolhi, de acordo contigo e deixando de lado a marinha que não quiseste, a artilharia, como sendo a arma em que terás mais ocasião de desenvolver a capacidade que sempre mostraste, e de entreter o hábito da aplicação ao estudo que tão grande auxílio é na vida, e que perdemos, infelizmente, com muita facilidade quando nos abandonamos à falta de cuidado e à preguiça.

"Tem, pois, estes princípios constantemente em vista: conserva e mantém, tanto quanto as tuas forças to permitam, **o hábito de te aplicares a todos os trabalhos** que a Providência te destine. Lembra-te de que é regra universal, de acordo tanto com a Lei Divina como com a sabedoria humana, **fazer da melhor forma possível tudo** o que se deve fazer. É assim que se satisfaz

(10) Procuramos ser o mais fiel possível na tradução, até mesmo sublinhando as palavras e expressões sublinhadas pelo Conde d'Eu no original. Somente nos permitimos, para maior clareza da leitura, modificar a virgulação insuficiente no original. É curioso notar que também o Príncipe Perfeito, exímio escritor e possuidor de belo estilo tanto em português quanto em francês, herdou do pai o hábito de ser extremamente parcimonioso na utilização das vírgulas - o que obrigou Alexandre Eulálio, na publicação do *Journal de Guerre - Excertos* (separata da "Revista do Livro" nº 17, Rio de Janeiro, março de 1960) a adotar por vezes o mesmo recurso que aqui adotamos.

(11) Impossibilitado, pela Lei do Banimento, de seguir uma escola militar brasileira, e precisando receber formação militar no estrangeiro, o Príncipe optou por cursar a Academia Militar de Viena; concluído o curso, serviu por algum tempo como oficial do exército austríaco. Em 1914, quando rebentou a Grande Guerra, desligou-se do exército austríaco e incorporou-se ao exército britânico, servindo heroicamente como oficial de ligação e destacando-se em diversos combates e batalhas. Lutou de agosto de 1914 a junho de 1915, quando precisou dar baixa, gravemente doente, vindo a falecer após cinco anos de padecimentos, em 26-3-1920, aos 42 anos de idade, vitimado pela enfermidade que contraíra nas trincheiras geladas do Yser. Foi condecorado postumamente pela França, pela Bélgica e pela Inglaterra.

a própria consciência e que se é honrado neste mundo. É assim que terás também a satisfação de obter sempre **as melhores notas possíveis nos teus exames** e na tua **conduta**, e por esse meio darás contentamento a tua mãe e a mim.

"Que esses pensamentos te ajudem a suportar com alegria as tristezas e os inconvenientes da tua vida atual, os quais sou o primeiro a reconhecer, mas que saberás levar com paciência, como deve fazer todo homem de coragem, sobretudo se tratando de uma prova destinada a ter um fim, e que comporta freqüentes abrandamentos.

"- Sê antes de tudo fiel aos preceitos da tua religião!

"Fica sempre atento quanto estiveres na missa.

"Recomenda-te freqüentemente a Deus e à Santa Virgem, sobretudo nos momentos de desânimo ou de perigo, o que sempre se pode fazer por meio de breves invocações.

"Não esqueças as orações da manhã e da noite, nem a tua pequena leitura piedosa, todas as vezes que não estiveres absolutamente impedido, e sobretudo não esqueças a confissão e a comunhão mensais¹². Fá-las com atenção, fervor, prepara-te para elas desde a véspera e haure nelas a força para observar os preceitos que te acabo de traçar.

"Foge sempre com decisão das conversas desfavoráveis à religião, à moral ou aos bons princípios, das leituras perigosas, e também dos espetáculos que poderiam apresentar algum inconveniente desse ponto de vista.

"- Não descuides da tua saúde, nem do hábito dos exercícios físicos, que é tão essencial. Bem sei que no interior da Academia não tens infelizmente muito que escolher. Mas compensa essa lacuna entregando-te de **por inteiro** aos exercícios que te forem impostos: exercícios militares, equitação, ginástica, esgrima e também, se possível for, dança!

"Nas tuas saídas, em dias de recreio, faz o **mais possível** caminhadas a pé, para não perderes o bom costume da marcha.

(12) Anos depois, já adulto feito, o Príncipe ainda mantinha o costume de informar ao pai, regularmente, que tinha "feito suas devoções". Na volumosíssima correspondência com o pai, vez por outra aludia às leituras religiosas que fazia em cumprimento ao conselho paterno. E quando, já no leito de morte, recebeu os últimos Sacramentos, quis que seus três filhas - D. Pedro Henrique (1909-1981), D. Luiz Gastão (1911-1931) e D^a Pia Maria (1913) - assistissem à cerimônia, para aprenderem como deve morrer um príncipe católico.

"- Toma cuidado com os resfriados: sobretudo após o banho quente ou a transpiração das marchas, agasalha-te bem e não pares em locais frios ou expostos ao vento.

"- Esforça-te por seres sempre alegre, amável, **bem educado**, submisso, obediente, muito **pontual, ativo, ordenado**, zeloso da tua limpeza e dos teus guardados.

"Manifesta sempre gratidão para com o oficial colocado junto a ti, pelos cuidados que ele tomar para te guiar, para te encorajar e sobretudo para te facilitar os estudos um pouco árduos que tiveres que fazer.

"Recorre a ele nas dificuldades e, mesmo quando elas parecerem desde o primeiro momento invencíveis, não te entregues ao desânimo.

"Graças à Bondade Divina, tens uma natureza capaz de muita coisa boa e até de sucessos, como felizmente já pudemos muitas vezes comprovar, se bem que ela ainda tenha, como deves reconhecer, necessidade de ser corrigida em vários pontos.

"- Eis porque, no momento em que pela primeira vez vais ficar longe da tua família, quis deixar-te, a título de encorajamento, estes poucos conselhos inspirados, filho querido, no fundo do coração; e mais desenvolvidos ainda do que pude fazer para o teu irmão mais velho em semelhante ocasião.

"Tenho confiança de que este período da tua existência, talvez penoso, será para ti de grande utilidade para o futuro, forçando-te a regras um tanto austeras, e ensinando-te a ver a vida do lado sério, que é, *hélas!*, o principal, não podendo e não devendo ser a diversão senão um alívio passageiro.

"Não esqueças da tua família e dos teus amigos; nem dos bons ensinamentos que recebeste na França e dos que pudeste conservar da tua primeira infância e do país em que nasceste.

"Escreve-me ao menos uma vez por semana¹³, assim como a tua mãe.

"Toma o hábito de responder, ainda que em breves palavras, a todas as cartas que receberes, a menos que sejam de desconhecidos; quanto a essas, agirás bem mas enviando para me pedires conselho.

(13) Também a assiduidade na correspondência com o pai foi sempre mantida. É enorme a quantidade de cartas de D. Luiz ao pai, relatando com pormenores todo o seu dia-a-dia, e contendo por vezes comentários de grande interesse sobre a vida política e sobre figuras da vida social do tempo. Lamentavelmente, o Príncipe não tinha o hábito de datar as cartas, o que está dificultando uma catalogação bem ordenada delas.

"Ao me separar de ti, bem a contragosto, por alguns meses, abraço-te ternamente.

a)G.O.

"A meu querido filho Luiz

Viena, 2-10-95"

Se D. Luiz foi considerado, em seu tempo, um "*Príncipe Perfeito*"¹⁴, se o Rei Alberto I, da Bélgica, o considerava "homem como poucos, príncipe como nenhum", isso terá sido, sem dúvida, em muito larga medida graças à formação recebida do Conde d'Eu.

Sobre essa formação, aqui fica, à guisa de contribuição para futuros biógrafos do Conde d'Eu e de seu filho, o documento que acabamos de transcrever.

(14) "Príncipe Perfeitíssimo" chamou-o Martim Francisco de Andrada (Martim Francisco III). "Príncipe Perfeito" foi o cognome com que passou à posteridade no Brasil.